

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0152/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 08/06/2025

Príncipe herdeiro saudita pede à comunidade internacional que acabe com a agressão israelense em Gaza



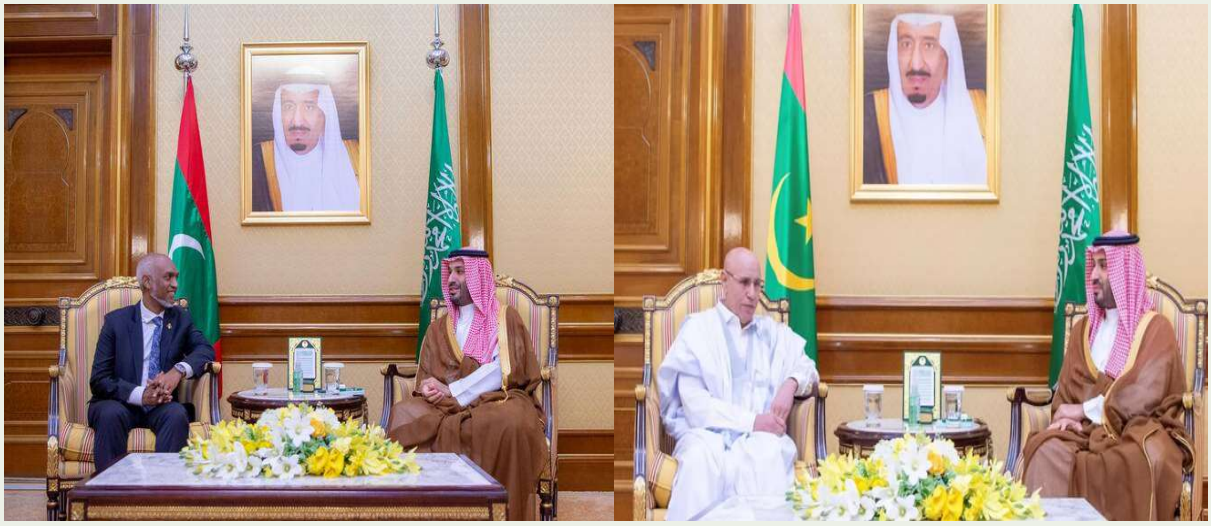
O Príncipe herdeiro saudita, Mohammed bin Salman, pediu ontem à comunidade internacional que desempenhe um papel maior no fim das repercussões da agressão israelense em Gaza.

O Príncipe herdeiro saudita, Mohammed bin Salman, reafirmou ontem "a importância do papel da comunidade internacional para acabar com as consequências desastrosas" da "agressão" de Israel em Gaza. Ele fez os comentários durante um discurso para dignitários e autoridades marcando o Eid Al-Adha em Mina. "O sofrimento de nossos irmãos na Palestina continua como resultado da agressão israelense em curso, disse ele. "Reafirmamos a importância do papel da comunidade internacional em acabar com as consequências desastrosas dessa agressão, proteger civis inocentes e trabalhar em direcção a uma nova realidade na qual a Palestina possa desfrutar da paz de acordo com a legitimidade internacional e as resoluções relevantes."

O Príncipe herdeiro estava falando durante uma reunião com simpatizantes do Eid Al-Adha na Corte Real no Palácio Mina. "Deus Todo-Poderoso honrou este país com o serviço das Duas Mesquitas Sagradas e seus visitantes, incluindo peregrinos, artistas da Umrah e outros convidados", disse ele, enfatizando que o Reino da Arábia Saudita coloca esse dever sagrado na vanguarda de suas prioridades, aproveitando todas as suas capacidades para servir os convidados de Deus e garantindo que eles possam realizar seus rituais com facilidade e conforto.

O Príncipe herdeiro reiterou o compromisso do Reino em cumprir essa responsabilidade, reconhecendo a grande honra e a imensa confiança que isso acarreta. "Pedimos a Deus Todo-Poderoso que perpetue a segurança e a estabilidade em nosso país, em todos os países muçulmanos e em todo o mundo", disse ele. "Que Ele aceite o Hajj dos peregrinos à Casa de Deus e os devolva em segurança às suas famílias." **Fonte-Arab News.**

Príncipe herdeiro saudita se reúne com presidentes das Maldivas e da Mauritânia para discutir oportunidades de parceria



O Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman se reuniu ontem com os presidentes Mohamed Muizzu das Maldivas e Mohamed Ould Ghazouani, da Mauritânia.

O Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman se reuniu ontem com o presidente Mohamed Muizzu das Maldivas na Corte Real no Palácio Mina. Os dois líderes trocaram saudações de Eid Al-Adha e discutiram maneiras de fortalecer as relações e expandir a cooperação entre seus países em vários campos. A reunião reflectiu os esforços contínuos para reforçar os laços sauditas-maldivas e explorar novos caminhos para a parceria.

Vários altos funcionários sauditas participaram na reunião, incluindo o Príncipe Saud bin Mishal bin Abdulaziz, vice-governador da região de Meca; Príncipe

Abdulaziz bin Turki Al-Faisal, Ministro dos Desportos; Príncipe Abdulaziz bin Saud bin Nayef, Ministro do Interior; o Príncipe Khalid bin Salman, ministro da Defesa; e o Príncipe Faisal bin Farhan, ministro das Relações Exteriores. Do lado das Maldivas, a delegação incluiu vários ministros, incluindo o ministro das Relações Exteriores, Abdulla Khaleel.

As negociações de alto nível ocorrem enquanto o Reino da Arábia Saudita continua a aprofundar o envolvimento com nações do sul da Ásia, em linha com suas iniciativas diplomáticas e econômicas mais amplas.

Também ontem, o Príncipe Mohammed conversou com o presidente da Mauritânia, Mohamed Ould Ghazouani. Eles trocaram felicitações por ocasião do Eid Al-Adha, além de discutirem as relações gerais e maneiras de aprimorá-las em vários campos. **Fonte-Arab News.**

Chefe do MWL se reúne com ministro Sírio



O Dr. Mohammed bin Abdulkarim Al-Issa (R) mantéve conversas com Mohammad Abu Al-hair Shukri em Riade.

O Dr. Mohammed bin Abdulkarim Al-Issa, secretário-geral da Liga Mundial Muçulmana e presidente da Organização de Estudiosos Muçulmanos, reuniu-se com o ministro da República Árabe da Síria, Mohammad Abu Al-hair Shukri, para discutir "uma variedade de tópicos de interesse comum", escreveu ontem o MWL em um post no X.

Enquanto isso, o ministro saudita de Assuntos Islâmicos, Dawah e Orientação, Dr. Abdullatif Al-Alsheikh, reuniu-se recentemente com a delegação malaia de líderes islâmicos que participam do Programa de Convidados do Guardião das Duas Mesquitas Sagradas para o Hajj, Umrah e Visita, informou a Agência de Imprensa Saudita. **Fonte-Arab News.**

Peregrinos do Hajj no dia de Tashreiq em meio a altas temperaturas, medidas de segurança rígidas



Ontem, os peregrinos do Hajj continuaram o ritual de apedrejamento do diabo, lançando pedras no Jamarat, três pilares de pedra em Mina, no segundo dia de Tashriq.

Ontem os peregrinos do Hajj continuaram o ritual de apedrejamento do diabo, lançando pedras no Jamarat, três pilares de pedra em Mina, no segundo dia de Tashreiq, que segue o Eid Al-Adha.

O ritual de apedrejamento começou com o menor pilar, seguido pelo do meio, e terminou com Jamarat Al-Aqaba, o maior, de acordo com a prática do profeta Muhammad. Os peregrinos estão realizando seus rituais de apedrejamento em meio a temperaturas elevadas que chegam a 46 ° C, de acordo com o Centro Nacional de Meteorologia. O centro também previu um novo aumento nas temperaturas em três graus. No entanto, espera-se que o tempo esfrie com temperaturas mínimas chegando a 31 ° C.

O Ministério do Interior reiterou seu compromisso contínuo de garantir a protecção e a segurança dos peregrinos em Mina e dentro de seus acampamentos. O ministério acrescentou que esses esforços incluem o gerenciamento do movimento de pedestres das tendas para a área de Jamarat e durante sua jornada para a Grande Mesquita.

O ministério também pediu aos peregrinos que continuem aderindo às instruções que regulam seus movimentos durante os dias de Tashriq, enfatizando a importância da segurança – particularmente ao circular a Caaba, apressar-se entre as colinas de Al-Safa e Al-Marwa e realizar o ritual de apedrejamento no Jamarat em Mina.

Por sua vez, o Ministério do Hajj e Umrah pediu aos peregrinos que aderissem às directrizes organizacionais e seguissem os horários designados do Hajj para garantir o bom desempenho dos rituais e minimizar o risco de exaustão pelo calor e insolação. **Fonte-Arab News**.

Operações de segurança do Hajj: 436 grupos não autorizados interceptados, 462 transportadores apreendidos



Funcionários de vários ministérios sauditas destacaram a execução bem-sucedida dos planos do Hajj.

As autoridades sauditas interceptaram 436 grupos ilegais do Hajj e prenderam 462 infratores de transporte que facilitavam a entrada não autorizada em Meca, de acordo com o Ministério do Interior.

O coronel Talal bin Shalhoub, porta-voz de segurança do ministério, disse em uma colectiva de imprensa em Meca: "Desde Dul Hijjah 11, mantivemos operações contínuas removendo os violadores do regulamento do Hajj de Meca, particularmente aqueles que possuem vistos de visita em violação de suas permissões de entrada".

Shalhoub disse que as autoridades estavam continuamente removendo os infractores de vistos de Meca, com infratores de transporte capturados nos pontos de entrada da cidade durante tentativas de contrabando de residentes, cidadãos e portadores de vistos ilegais. "Nossos peregrinos voltaram a Mina esta manhã depois de completar os rituais de apedrejamento de Tawaf Al-Ifadah e Jamarat em um ambiente totalmente seguro", disse ele.

As forças de segurança continuam gerenciando os fluxos de multidões entre os campos de Mina, Jamarat e a Grande Mesquita enquanto "reforçam os horários de movimento através do Dul Hijjah 14", disse ele. "Pedimos a todos os peregrinos que sigam rigorosamente os horários designados para Rami, Tawaf e Sa'i, usem as rotas designadas para o transporte de bagagem e mantenham a calma durante os movimentos", disse Shalhoub. **Fonte-Arab News**.

O aumento das taxas escolares atormenta muitos africanos. Alguns esperam que a Igreja Católica faça mais para ajudar



Meninas caminham pela Escola Secundária dos Mártires de Namugongo, em Kampala, Uganda.

A Igreja Católica é o maior investidor não governamental da região em educação. As escolas católicas têm sido um pilar da educação acessível, mas de alta qualidade, especialmente para famílias pobres.

Seu apelo continua forte, mesmo com a concorrência de outros investidores não governamentais que agora olham para as escolas como empresas com fins lucrativos. A tendência crescente de privatização está provocando preocupação de que a Igreja Católica possa precificar as pessoas que precisam de elevação. A Escola Secundária St. Kizito de Kampala, onde Akite ensina literatura, foi fundada por padres da ordem missionária comboniana, conhecida por sua dedicação ao serviço das comunidades pobres. Seus alunos vêm principalmente de famílias da classe trabalhadora e a mensalidade por período é de aproximadamente US$ 300, uma quantia substancial em um país onde o PIB per capita foi de cerca de US$ 1,000 em 2023. No entanto, essa mensalidade é mais baixa do que em muitas outras escolas administradas por católicos em Kampala, onde muitos alunos se apresentam mais tarde no semestre porque não conseguem aumentar as taxas escolares a tempo, disse Akite.

Inícios tardios, longas filas, pedidos de extensão. Uma das escolas particulares mais caras de Kampala, a Escola Secundária dos Mártires de Uganda Namugongo, administrada por católicos, mantém uma política de "equilíbrio zero" quando uma criança se apresenta à escola no início de um período de três meses. Isso significa que os alunos devem ser totalmente pagos no momento em que se apresentarem à escola.
As mensalidades na escola já chegaram a US $ 800, mas desde então caíram para cerca de US $ 600, à medida que as matrículas aumentaram para quase 5.000,

disse o vice-director James Batte. Em uma manhã recente, havia uma fila de pais esperando do lado de fora do escritório de Batte para solicitar mais tempo para quitar os saldos das mensalidades. Daniel Birungi, engenheiro eléctrico em Kampala cujo filho se matriculou este ano no St. Mary's College Kisubi, uma importante escola para meninos em Uganda, disse que o risco emergente para as escolas católicas tradicionais é atender apenas aos ricos. Há água quente nos banheiros, disse ele, descrevendo o que sentiu ser uma tendência em direcção a níveis de luxo que ele nunca imaginou como estudante na década de 1990. Agora, os alunos estão proibidos de embalar lanches e, em vez disso, são incentivados a comprar o que precisam nas cantinas da escola, disse ele.

Isso nos colocou umuita pressão", disse ele. A mensalidade no St. Mary's College Kisubi é de aproximadamente US $ 800 por período, e Birungi duvida que seja capaz de pagar regularmente as taxas escolares em dia. Em vez de privatizar antigas escolas missionárias, a Igreja deveria investir na construção de novas se for útil experimentar diferentes modelos de financiamento, disse Muzawazi, um católico leigo que actua no conselho de governo da Universidade Católica do Zimbábue.
"As pessoas brilhantes que promovem a causa dos países não são as ricas", disse ele. "Queremos que todas as igrejas e todas as nações aproveitem o potencial de cada pessoa, independentemente do status econômico." **Fonte-Arab News.**

Palestinos dizem que 5 foram mortos por fogo israelense perto de locais de ajuda. Israel diz que fez disparos de advertência

Autoridades de saúde palestinas e testemunhas disseram que pelo menos cinco pessoas foram mortas e outras ficaram feridas por disparos israelenses enquanto se dirigiam a dois pontos de distribuição de ajuda na Faixa de Gaza administrados por um grupo apoiado por Israel e pelos Estados Unidos. Os militares de Israel disseram que dispararam tiros de advertência contra pessoas que se aproximaram de suas forças.

Quatro corpos foram levados para o Hospital Nasser, na cidade de Khan Younis, no sul de Gaza. Testemunhas palestinas disseram que as forças israelenses dispararam contra eles em uma rotatória que fica a cerca de um quilômetro de um local administrado pela Fundação Humanitária de Gaza na cidade vizinha de Rafah. Os militares israelenses disseram que dispararam tiros de advertência contra pessoas que disseram ser suspeitas que avançaram em direcção a suas forças e ignoraram os avisos para se afastarem. Ele disse que o tiroteio ocorreu em uma área no sul de Gaza que é considerada uma zona de combate activa à noite. **Fonte-Reuters**.

Milhares protestam em Tel Aviv pela libertação de reféns de Gaza



Manifestantes participam num protesto exigindo a libertação de todos os reféns israelenses sequestrados durante o ataque de 7 de outubro de 2023 a Israel pelo Hamas, e contra o governo israelense e seu primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, em Tel Aviv, em 7 de junho de 2025.

Milhares de pessoas protestaram ontem a noite em Tel Aviv para exigir a libertação de reféns mantidos na Faixa de Gaza e um cessar-fogo após 20 meses de guerra entre Israel e o movimento islâmico palestino Hamas. A multidão se reuniu na chamada Praça dos Reféns cantando "O povo escolhe os reféns!" e exigindo "um acordo abrangente" para seu retorno, de acordo com um comunicado do Fórum de Reféns e Famílias Desaparecidas.

Mais cedo, o Hamas divulgou uma fotografia de um dos reféns restantes, Matan Zangauker, parecendo estar com a saúde debilitada, com um aviso de que ele não sobreviveria. Sua mãe, Einav Zangauker, falando no protesto em Tel Aviv, disse: "Não posso mais suportar esse pesadelo. O anjo da morte, Netanyahu, continua a sacrificar os reféns", mostraram imagens da AFPTV, referindo-se ao primeiro-ministro israelense.

Noam Katz, filha do refém Lior Rudaeff, que foi declarado morto, mas cujo corpo ainda está na Faixa de Gaza, pediu a suspensão imediata dos combates. "Não envie mais soldados para arriscar suas vidas para trazer de volta nossos pais. Traga-os de volta por meio de um acordo. Parem a guerra!", declarou ela à multidão na praça, disse o Fórum das Famílias. **Fonte-Arab News**.

Militares israelenses atacam membro do Hamas no sul da Síria

As Forças Armadas israelenses disseram hoje que atacaram um membro do grupo militante palestino Hamas em Mazraat Beit Jin, no sul da Síria, dias depois de Israel realizar seus primeiros ataques aéreos no país em quase um mês. O Hamas

não comentou imediatamente o ataque. Israel disse que atingiu armas pertencentes ao governo em retaliação ao disparo de dois projécteis contra Israel pela primeira vez sob a nova liderança do país. O ministro da Defesa israelense, Israel Katz, responsabilizou o presidente da Síria, Ahmed Al-Sharaa.

Damasco, em resposta, disse que os relatos do bombardeio não foram verificados, reiterando que a Síria não representa uma ameaça para nenhuma parte regional. Um grupo pouco conhecido chamado "Brigadas Mártir Muhammad Deif", uma aparente referência ao líder militar do Hamas que foi morto em um ataque israelense em 2024, teria reivindicado a responsabilidade pelo bombardeio. A Reuters, no entanto, não pôde verificar de forma independente a alegação.

Israel e Síria recentemente se envolveram em negociações directas para acalmar as tensões, marcando um desenvolvimento significativo nos laços entre Estados que estão em lados opostos do conflito no Médio Oriente há décadas. **Fonte-Reuters**.

'Volte para o seu país', diz Cabul aos afegãos rejeitados por Washington



Muçulmanos afegãos realizam a oração do Eid Al-Adha enquanto um combatente do Talibã monta guarda na mesquita Shah-Do Shamshira em Cabul, Afeganistão, em 7 de junho de 2025.

O governo Talibã pediu ontem aos afegãos que desejam emigrar para os Estados Unidos que retornem ao Afeganistão, depois que Washington endureceu as condições de entrada.

O presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou a proibição de viagens visando 12 países, incluindo o Afeganistão, que sua proclamação disse não ter autoridades centrais "competentes" para processar passaportes e verificação. Comentando ontem sobre a proibição, o primeiro-ministro Hassan Akhund pediu aos afegãos que retornassem ao seu país, dizendo que eles seriam protegidos mesmo se trabalhassem com as forças lideradas pelos EUA na luta de duas décadas contra

a insurgência Talibã . "Para aqueles que estão preocupados com o facto de os Estados Unidos terem fechado suas portas para os afegãos ... Quero dizer a eles: 'Voltem ao seu país, mesmo que tenham servido aos americanos por 20 ou 30 anos para seus fins e arruinado o sistema islâmico'", disse ele em um discurso marcando o feriado de Eid Al-Adha, transmitido pela imprensa estatal. "Você não enfrentará abusos ou problemas", disse ele, garantindo que o líder supremo Talibã , Hibatullah Akhundzada, "concedeu anistia para todos". **Fonte-Reuters**.

Trump diz que Elon Musk pode enfrentar 'sérias consequências' se apoiar candidatos democratas



O presidente dos EUA, Donald Trump, e Elon Musk (à direita) falam no Salão Oval antes de partir da Casa Branca em Washington, DC, a caminho da residência de Trump em Mar-a-Lago em Palm Beach, Flórida, em 14 de março de 2025.

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, não está desistindo de sua batalha com Elon Musk, dizendo ontem que não deseja reparar seu relacionamento e alertando que seu ex-aliado e benfeitor de campanha pode enfrentar "sérias consequências" se tentar ajudar os democratas nas próximas eleições.

Trump disse a Kristen Welker, da NBC, em uma entrevista por telefone que não tem planos de fazer as pazes com Musk. Questionado especificamente se ele achava que seu relacionamento com o CEO megabilionário da Tesla e da SpaceX acabou, Trump respondeu: "Eu diria que sim". "Estou muito ocupado fazendo outras coisas", continuou Trump. "Você sabe, eu ganhei uma eleição com uma vitória esmagadora. Eu dei a ele muitas pausas, muito antes de isso acontecer, eu dei a ele pausas na minha primeira administração e salvei sua vida na minha primeira administração, não tenho intenção de falar com ele." O presidente também emitiu um alerta em meio a conversas de que Musk poderia apoiar legisladores e candidatos democratas nas eleições de meio de mandato de 2026. "Se ele fizer isso, terá que pagar as consequências por isso", disse Trump à NBC, embora tenha se recusado a compartilhar quais seriam essas consequências. Os negócios de Musk têm muitos contratos federais lucrativos.

Os últimos comentários do presidente sugerem que Musk está passando de aliado próximo a um novo alvo em potencial para Trump, que exerceu agressivamente os poderes de seu cargo para reprimir críticos e punir inimigos percebidos. Como um grande empreiteiro do governo, os negócios de Musk podem ser particularmente vulneráveis a retaliações. Trump já ameaçou cortar os contratos de Musk, chamando-o de uma maneira fácil de economizar dinheiro. A dramática ruptura entre o presidente e o homem mais rico do mundo começou esta semana com as críticas públicas de Musk ao "grande e belo projecto de lei" de Trump pendente no Capitólio. Musk alertou que o projecto aumentará o déficit federal e o chamou de "abominação nojenta".

Trump criticou Musk no Salão Oval e, em pouco tempo, ele e Musk começaram a trocar ataques pessoais nas redes sociais, fazendo com que a Casa Branca e os líderes do Congresso do Partido Republicano se esforçassem para avaliar as consequências. À medida que as idas e vindas se intensificavam, Musk sugeriu que Trump deveria sofrer impeachment e alegou, sem evidências, que o governo estava ocultando informações sobre a associação do presidente com o infame pedófilo Jeffrey Epstein. **Fonte-Arab News**.

A segunda disputa pela riqueza mineral de África



HAFED AL-GHWELL

07 de Junho de 2025



As estratégias de África devem incorporar investimentos agressivos em pesquisa e desenvolvimento de minerais.

Um esforço global acelerado para combater as mudanças climáticas elevou involuntariamente África a uma posição de importância estratégica sem precedentes.

O continente tem quase um terço das reservas minerais conhecidas do planeta, incluindo participações dominantes de elementos essenciais para a tecnologia de descarbonização: 85% do manganês global, 80% dos metais do grupo da platina e cromo e cerca de 70% do cobalto, concentrados principalmente na República Democrática do Congo.

Esses elementos - lítio, cobalto, níquel, grafite, terras raras - formam a base física para baterias de veículos eléctricos, sistemas de energia renováveis e electrônicos avançados críticos para futuras economias verdes.

À medida que as principais economias buscam agressivamente metas líquidas zero, garantir suprimentos confiáveis desses materiais tornou-se sinônimo de esforços para garantir a competitividade econômica futura e a segurança nacional.

No entanto, essa convergência de necessidade ecológica e dependência de recursos está ressuscitando temores profundos de uma competição intensa e renovada por recursos africanos, ecoando padrões históricos de extração, mas amplificados pela geopolítica do século 21 e pelos imensos riscos financeiros da inevitável transição energética.

Uma equação desequilibrada está minando a dinâmica actual, na qual a imensa riqueza mineral não se traduz em benefícios socioeconômicos locais proporcionais. As economias de África Subsaariana capturam, em média, apenas US$ 2 de cada US$ 5 de receitas potenciais da extração e exportação de seus recursos naturais.

A desconexão é nitidamente ilustrada pela cadeia de valor de bauxita-alumínio. A exportação de minério de bauxita bruto rende cerca de US $ 92 a tonelada, enquanto a exportação de alumínio refinado comanda preços de quase US $ 2.438 a tonelada, rendendo aos exportadores deste último mais de 25 vezes mais do que os exportadores do minério bruto.

Actualmente, o foco está na República Democrática do Congo. Possui as maiores reservas mundiais de cobalto, que é fundamental para a produção de baterias de íons de lítio, e permanece extremamente dependente das exportações de matérias-primas ou materiais minimamente processados.

A maior parte das exportações de minerais críticos do país flui para a China, que refina mais de 60% do lítio mundial e 85% dos elementos de terras raras. O domínio estabelecido da China, construído ao longo de décadas por meio de políticas industriais estratégicas, em vez de vastas reservas domésticas, levou ao controle de Pequim sobre a capacidade de processamento, concedendo-lhe uma alavancagem significativa, como exemplificado pelos recentes controles de exportação de metais menores, como gálio e germânio.

No entanto, a dependência da República Democrática do Congo e do resto de África das exportações de matérias-primas deixa as economias extremamente vulneráveis às oscilações dos preços das commodities e nega a elas os empregos, as transferências tecnológicas e o desenvolvimento industrial inerentes ao processamento intermediário e downstream.

Esse fracasso persistente em capturar valor agregado representa um fracasso econômico sistêmico que perpetua a dependência, apesar da posse dos próprios recursos que impulsionam o avanço tecnológico global.

Em resposta, os EUA e seus aliados estão lutando para reduzir essas vulnerabilidades emergentes. Iniciativas como a Parceria de Segurança de Minerais visam "fazer amizade" com as cadeias de suprimentos entre as nações aliadas, enquanto investimentos significativos buscam impulsionar o processamento e a reciclagem domésticos.

Actualmente, os EUA continuam dependentes da importação de 15 minerais críticos e mais de 50% dependentes de outros 34, com a China fornecendo quase metade. Essa dependência agora está impulsionando raras e assertivas aberturas diplomáticas e comerciais em relação aos estados africanos ricos em minerais - mas eles seguem a mesma velha fórmula de extracionismo intenso às custas do continente.

As abordagens contrastantes - parcerias multilaterais versus acções unilaterais, incluindo pressão aberta sobre o acesso a recursos - são as marcas da natureza de alto risco dessa competição crescente com África em seu coração. O risco mais imediato é a fragmentação das cadeias de abastecimento globais ao longo de linhas geopolíticas, forçando as nações africanas a fazer escolhas difíceis.

De forma optimista, o crescimento meteórico da demanda por minerais críticos de África apresenta um potencial ponto de inflexão. Devidamente aproveitados, os fluxos de receita desses minerais, potencialmente no valor de trilhões de dólares nas próximas décadas, à medida que a demanda aumenta, podem catalisar transformações fundamentais. O investimento poderia fluir para áreas há muito negligenciadas, financiando geração confiável de electricidade, redes de transporte modernas e, crucialmente, educação e desenvolvimento de habilidades em áreas como metalurgia, engenharia química e ciências ambientais.

Um movimento além das exportações de matérias-primas, por exemplo, para estabelecer o refino doméstico e a fabricação de componentes, como precursores de baterias, é essencial para que as nações africanas capturem mais valor de seus recursos e construam economias resilientes e diversificadas.

A estrutura política do Ghana que proíbe as exportações de minerais brutos e promove o desenvolvimento da cadeia de valor, e os esforços nascentes, como uma colaboração entre a República Democrática do Congo e a Zâmbia na produção de baterias, sinalizam o reconhecimento desse imperativo.

A cooperação regional, como as exportações de lítio bruto da Zâmbia para refino na África do Sul, oferece mais potencial para o desenvolvimento industrial compartilhado.

No entanto, obstáculos desafiadores ameaçam inviabilizar o potencial que isso tem e, em vez disso, entrincheirar uma nova era de relacionamentos ainda mais exploradores. Décadas de má gestão sob a chamada "maldição dos recursos", governança fraca, fragilidade institucional, corrupção generalizada e a tendência das elites de ver os recursos nacionais como fluxos de receita privada para redes de clientelismo e não para o bem público, continuam sendo desafios generalizados.

Sem uma responsabilidade democrática robusta, mecanismos de transparência, como divulgações de contratos, e supervisão eficaz da sociedade civil, qualquer ganho inesperado de minerais provavelmente alimentará a instabilidade e a desigualdade, em vez de um desenvolvimento amplo "de baixo para cima, meio para fora".

Além disso, a actual falta de capacidade industrial e de conhecimentos técnicos em África cria uma armadilha de dependência. As políticas que exigem o processamento local, como a exigência do Zimbábue de planos de refino de lítio, muitas vezes colidem com a infraestrutura e as habilidades inadequadas. Afinal, os investidores são menos propensos a despejar dinheiro em um país que sangra mais de 6% do produto interno bruto a cada ano devido apenas à escassez de electricidade.

A participação insignificante do continente no mercado global de veículos eléctricos, menos de 1%, complica ainda mais os esforços para atrair manufatura de alto valor, já que as empresas priorizam locais mais próximos de grandes bases de consumidores, como China, Europa e América do Norte.

Talvez a ameaça mais subestimada seja a obsolescência tecnológica. O ritmo vertiginoso da inovação na ciência dos materiais pode desvalorizar rapidamente as actuais vantagens minerais de África. Os investimentos maciços da China em tecnologia de baterias de íons de sódio, culminando na abertura do maior sistema de armazenamento do mundo em 2024, visam reduzir a dependência de lítio e cobalto.

Uma transição bem-sucedida em larga escala para essas alternativas poderia deixar as nações africanas ricas em lítio e cobalto com "activos irrecuperáveis" se seus recursos forem repentinamente menos críticos para a transição energética global.

Concentrar-se apenas nos esforços de extração de corrente e na química da bateria é, portanto, profundamente míope. As estratégias de África devem incorporar investimentos agressivos em pesquisa e desenvolvimento domésticos, antecipar substituições de materiais e se posicionar nas cadeias de valor futuras, não apenas nas actuais.

Não fazer isso corre o risco de repetir os erros da história: imensa riqueza extraída, benefícios fugazes capturados localmente e monopolizados pelo clientelismo e vulnerabilidades duradouras deixadas para trás.

O caminho a seguir exige uma ruptura fundamental com as práticas passadas. Para os Estados africanos, o sucesso depende da priorização de reformas de governança de longo prazo, fortalecimento institucional, investimento maciço em capital humano e infraestrutura e integração regional estratégica para alcançar economias de escala.

As políticas devem ser impiedosamente pragmáticas, alinhando as ambições industriais com avaliações realistas das capacidades actuais enquanto constroem agressivamente as futuras.

A alternativa, uma corrida frenética por recursos sem abordar as causas profundas da marginalização histórica de África na economia global, corre o risco não apenas de perpetuar o subdesenvolvimento, mas também de alimentar a instabilidade que poderia interromper as próprias cadeias de suprimentos das quais a transição energética depende.

Hafed Al-Ghwell, é membro sênior e director executivo da Iniciativa do Norte de África no Instituto de Política Externa da Escola de Estudos Internacionais Avançados da Universidade Johns Hopkins em Washington, DC. X: @HafedAlGhwell

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessáriamente o ponto de vista do **Arab News.**